


**ESPIRITUALIDADE, ÉTICA E MORAL NA PSICOLOGIA: FUNDAMENTOS
PARA UMA EDUCAÇÃO INTEGRAL**

**SPIRITUALITY, ETHICS AND MORALITY IN PSYCHOLOGY: FOUNDATIONS
FOR AN INTEGRAL EDUCATION**

**ESPIRITUALIDAD, ÉTICA Y MORAL EN LA PSICOLOGÍA: FUNDAMENTOS
PARA UNA EDUCACIÓN INTEGRAL**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n11-268>

Data de submissão: 21/10/2025

Data de publicação: 21/11/2025

Lucas Guilherme Tetzlaff de Gerone

Doutor em Educação

Instituição: Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Endereço: São Paulo, Brasil

E-mail: lucas.gerone@unesp.br

Alonso Bezerra de Carvalho

Livre-Docente em Ciências Humanas, Filosofia e Educação

Instituição: Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Endereço: São Paulo, Brasil

E-mail: alonso.carvalho@unesp.br

Ricardo Francelino da Silva

Doutor em Educação

Instituição: Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Endereço: São Paulo, Brasil

E-mail: ricardo.francelino@unesp.br

Rafael Santos de Aquino

Doutor em Ensino de Ciências e Matemática

Instituição: Instituto Federal do Sertão Pernambucano (IFSertãoPE)

Endereço: Pernambuco, Brasil

E-mail: faelaquino@gmail.com

Manuel João Mungulume

Doutor em Educação

Instituição: Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Endereço: São Paulo, Brasil

E-mail: mjmungulume@gmail.com

Adriano Marques Fernandes

Doutorando em Educação

Instituição: Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Endereço: São Paulo, Brasil

E-mail: adriano.fernandes@unesp.br

Camila Rodrigues Batista Neta

Mestranda em Educação

Instituição: Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Endereço: São Paulo, Brasil

E-mail: camila.neta@unesp.br

Ana Júlia Barbosa Cremasco

Mestranda em Educação

Instituição: Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Endereço: São Paulo, Brasil

E-mail: aj.cremasco@unesp.br

RESUMO

A espiritualidade, a ética e a moral têm sido reconhecidas como dimensões essenciais para a compreensão do desenvolvimento humano e da formação integral. Este artigo tem por objetivo analisar, sob a perspectiva da psicologia, as interfaces entre espiritualidade, moral e ética, discutindo como essas dimensões contribuem para a construção de uma educação integral orientada pela humanização, pela consciência crítica e pela transcendência. Inicialmente, apresentam-se delimitações conceituais que distinguem espiritualidade (busca de sentido e transcendência), moral (normas e costumes sociais) e ética (reflexão crítica sobre o agir), articulando-as como dimensões estruturantes da consciência e da formação integral. Em seguida, por meio de uma revisão bibliográfica de natureza teórico-reflexiva, com abordagem qualitativa e caráter exploratório, o estudo examina um panorama das principais correntes psicológicas que abordam essas temáticas. A análise abrange a Logoterapia de Viktor Frankl, a Psicologia Humanista e Transpessoal (Maslow, Rogers, Grof), a Psicologia Existencial Fenomenológica (May, Yalom), a Psicologia da Religião (James, Allport, e Ancona-Lopez), as perspectivas psicanalíticas de Freud e Jung, a Psicologia Cultural e Sistêmica (Bronfenbrenner, Bateson, Csikszentmihalyi), a Psicologia Positiva e as Neurociências da Espiritualidade (Pargament, Koenig, Seligman, Emmons, Miller), a Psicologia Moral Contemporânea (Haidt, Narvaez), a Psicologia do Desenvolvimento (Kohlberg, Fowler, Oser e Gmünder), a Psicologia Histórico-Cultural (Vygotsky, Leontiev) e a Psicologia da Libertação (Martín-Baró). Os resultados indicam que, embora partam de pressupostos epistemológicos distintos, as diversas escolas psicológicas convergem ao reconhecer a espiritualidade como dimensão formadora da consciência, promotora de sentido e orientadora do agir ético e moral, demonstrando que ela transcende o campo religioso e assume caráter psicológico, ético e pedagógico. Conclui-se que a integração dessas dimensões na educação integral, reforçada pelas contribuições da Psicologia Integral de Ken Wilber e pelas estratégias espirituais de Richards e Bergin, favorece o autoconhecimento, o desenvolvimento de valores e a capacidade de atribuir sentido à existência, contribuindo para a formação de sujeitos emocionalmente equilibrados, socialmente responsáveis e espiritualmente conscientes. O estudo reforça a necessidade de diálogo entre psicologia e educação, promovendo uma formação humana que integra razão, emoção e transcendência.

Palavras-chave: Logoterapia. Psicologia Humanista e Transpessoal. Psicologia da Religião. Psicologia Existencial e Fenomenológica. Teoria Histórico Cultural.

ABSTRACT

Spirituality, ethics, and morality have been recognized as essential dimensions for understanding human development and integral education. This article aims to analyze, from a psychological perspective, the interfaces between spirituality, morality, and ethics, discussing how these dimensions contribute to the construction of an integral education oriented toward humanization, critical

consciousness, and transcendence. Initially, conceptual delimitations are presented that distinguish spirituality (search for meaning and transcendence), morality (social norms and customs), and ethics (critical reflection on action), articulating them as structuring dimensions of consciousness and integral formation. Subsequently, through a theoretical-reflective bibliographic review with a qualitative approach and exploratory character, the study examines an overview of the main psychological currents that address these themes. The analysis encompasses Viktor Frankl's Logotherapy, Humanistic and Transpersonal Psychology (Maslow, Rogers, Grof), Existential Phenomenological Psychology (May, Yalom), Psychology of Religion (James, Allport), psychoanalytic perspectives of Freud and Jung, Cultural and Systemic Psychology (Bronfenbrenner, Bateson, Csikszentmihalyi), Positive Psychology and Neurosciences of Spirituality (Pargament, Koenig, Seligman, Emmons, Miller), Contemporary Moral Psychology (Haidt, Narvaez), Developmental Psychology (Kohlberg, Fowler, Oser and Gmünder), Historical-Cultural Psychology (Vygotsky, Leontiev), and Liberation Psychology (Martín-Baró). The results indicate that, although they start from distinct epistemological assumptions, the various psychological schools converge in recognizing spirituality as a dimension that shapes consciousness, promotes meaning, and guides moral action, demonstrating that it transcends the religious field and assumes a psychological, ethical, and pedagogical character. It is concluded that the integration of these dimensions in integral education, reinforced by the contributions of Ken Wilber's Integral Psychology and the spiritual strategies of Richards and Bergin, fosters self-knowledge, the development of values, and the capacity to attribute meaning to existence, contributing to the formation of emotionally balanced, socially responsible, and spiritually conscious subjects. The study reinforces the need for dialogue between psychology and education, promoting a human formation that integrates reason, emotion, and transcendence.

Keywords: Logotherapy. Humanistic and Transpersonal Psychology. Psychology of Religion. Existential and Phenomenological Psychology. Historical Cultural Theory.

RESUMEN

La espiritualidad, la ética y la moral se han reconocido como dimensiones esenciales para comprender el desarrollo humano y la educación integral. Este artículo analiza, desde una perspectiva psicológica, las interrelaciones entre espiritualidad, moral y ética, y examina cómo estas dimensiones contribuyen a la construcción de una educación integral guiada por la humanización, la conciencia crítica y la trascendencia. Inicialmente, se presentan delimitaciones conceptuales que distinguen la espiritualidad (búsqueda de sentido y trascendencia), la moral (normas y costumbres sociales) y la ética (reflexión crítica sobre la acción), articulándolas como dimensiones estructurales de la conciencia y la educación integral. Posteriormente, mediante una revisión bibliográfica teórico-reflexiva, con un enfoque cualitativo y exploratorio, el estudio examina un panorama general de las principales corrientes psicológicas que abordan estos temas. El análisis abarca la Logoterapia de Viktor Frankl, la Psicología Humanista y Transpersonal (Maslow, Rogers, Grof), la Psicología Fenomenológica Existencial (May, Yalom), la Psicología de la Religión (James, Allport y Ancona-Lopez), las perspectivas psicoanalíticas de Freud y Jung, la Psicología Cultural y Sistémica (Bronfenbrenner, Bateson, Csikszentmihalyi), la Psicología Positiva y las Neurociencias de la Espiritualidad (Pargament, Koenig, Seligman, Emmons, Miller), la Psicología Moral Contemporánea (Haidt, Narvaez), la Psicología del Desarrollo (Kohlberg, Fowler, Oser y Gmünder), la Psicología Histórico-Cultural (Vygotsky, Leontiev) y la Psicología de la Liberación (Martín-Baró). Los resultados indican que, si bien parten de supuestos epistemológicos distintos, las diversas escuelas psicológicas convergen en el reconocimiento de la espiritualidad como una dimensión formativa de la conciencia, que promueve el sentido y guía la acción ética y moral, demostrando que trasciende el ámbito religioso y adquiere un carácter psicológico, ético y pedagógico. Se concluye que la integración de estas dimensiones en la educación integral, reforzada por las

aportaciones de la Psicología Integral de Ken Wilber y las estrategias espirituales de Richards y Bergin, favorece el autoconocimiento, el desarrollo de valores y la capacidad de atribuir sentido a la existencia, contribuyendo a la formación de individuos emocionalmente equilibrados, socialmente responsables y con conciencia espiritual. El estudio refuerza la necesidad de diálogo entre la psicología y la educación, promoviendo una formación humana que integra razón, emoción y trascendencia.

Palabras clave: Logoterapia. Psicología Humanista y Transpersonal. Psicología de la Religión. Psicología Existencial y Fenomenológica. Teoría Histórico-Cultural.

1 INTRODUÇÃO

A espiritualidade, a moral e a ética têm emergido como dimensões fundamentais para compreender o desenvolvimento humano em sua totalidade, especialmente no campo da psicologia e da educação. Essa discussão adquire relevância no contexto contemporâneo, marcado por crises de sentido, enfraquecimento dos vínculos sociais e crescente medicalização das emoções. No campo educacional e psicológico, tais dimensões assumem papel central na promoção do bem-estar e da saúde mental, uma conexão amplamente documentada pela epidemiologia da religião e espiritualidade de Levin (2022), e da convivência solidária segundo Gerone (2015).

A presente pesquisa parte da premissa de que compreender a espiritualidade, a moral e a ética é indispensável para repensar a formação humana e os processos educativos à luz da integralidade. A formação integral exige não apenas o domínio de saberes técnicos e cognitivos, mas também o cultivo de dimensões éticas, afetivas e espirituais que sustentam a convivência e o sentido da vida. Nesse contexto, a espiritualidade é entendida como uma experiência de autotranscendência e de busca de sentido que orienta o ser humano a agir de modo responsável e solidário, constituindo a dimensão simbólica e emocional onde se enraízam os valores morais e éticos.

No campo da psicologia, a espiritualidade, a moral e a ética têm sido estudadas sob diferentes enfoques teóricos, que, embora distintos em seus fundamentos, convergem na compreensão de que essas dimensões são essenciais à constituição da subjetividade humana. As principais abordagens psicológicas reconhecem a espiritualidade como uma força integradora, relacionada à busca de sentido, à formação da consciência e ao desenvolvimento moral. Os autores clássicos e contemporâneos da psicologia analisados neste estudo oferecem um panorama sobre a relação entre espiritualidade, ética e moral. Ainda que tal relação não constitua, em quase todos os casos, o foco principal das escolas psicológicas abordadas, elas emergem como temas correlatos e interpretativos, presentes de forma transversal nas reflexões sobre a subjetividade, o comportamento e o desenvolvimento humano.

Assim, busca-se responder à seguinte questão: como a espiritualidade, a moral e a ética, compreendidas em suas inter-relações psicológicas, podem contribuir para uma concepção de educação integral que promova o desenvolvimento pleno e humanizado do sujeito? Para tanto, este artigo tem por objetivo analisar, sob a perspectiva da psicologia, as interfaces entre espiritualidade, moral e ética, discutindo como essas dimensões contribuem para a construção de uma educação integral orientada pela humanização, pela consciência crítica e pela transcendência.

Metodologicamente, o presente estudo caracteriza-se como uma revisão bibliográfica de natureza teórico-reflexiva, com abordagem qualitativa e caráter exploratório. Reconhece-se a

limitação do estudo quanto à amplitude do tema e à multiplicidade de referenciais possíveis; contudo, o recorte adotado permite uma análise comparativa e integradora entre diferentes tradições psicológicas, evidenciando suas convergências em torno da formação integral do ser humano. O estudo é resultado das atividades do GEPEES – Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação, Ética e Sociedade e do CCDEB – Centro de Ciência para o Desenvolvimento da Educação Básica, que se dedicam à reflexão sobre a educação integral e suas interfaces com a moral, a ética e a espiritualidade.

2 ESPIRITUALIDADE, MORAL E ÉTICA: DELIMITAÇÕES CONCEITUAIS

Neste artigo, a espiritualidade é compreendida como a dimensão da experiência humana que envolve a busca de sentido da vida, o sentimento de pertencimento, a empatia, a alegria, a solidariedade e o cultivo de valores que transcendem o material. Trata-se de uma condição inerente à natureza humana, anterior e independente da religião, mas que pode nela se expressar. A espiritualidade é, portanto, uma experiência de transcendência e integração, que possibilita ao sujeito compreender a si mesmo, ao outro e ao mundo, orientando a vida de modo ético e significativo.

Apoiando-se nessa base, a presente análise, fundamentada em Gerone (2025), articula essa compreensão com os conceitos de moral e ética. A moral refere-se ao conjunto de normas, leis e costumes sociais que orientam o comportamento humano, configurando-se como prática e tradição cultural de uma coletividade. A ética é compreendida como reflexão crítica e consciente sobre o agir e o viver bem, voltada à busca da vida justa e da dignidade. Assim, enquanto a moral regula o convívio e estabelece limites, a ética orienta o sentido e a intencionalidade das ações, permitindo que o ser humano reflita sobre o porquê e o para quê de seus atos.

Dessa forma, a espiritualidade confere profundidade e sentido ao agir humano; a ética oferece direção reflexiva e valorativa; e a moral traduz tais princípios em práticas concretas de convivência. Tais dimensões, aqui analisadas em conjunto, estruturam a consciência e orientam a formação integral do sujeito, fundamento sobre o qual se constrói uma educação comprometida com a dignidade, a liberdade e a humanização.

A partir dessa base conceitual, entende-se que a espiritualidade, a moral e a ética se entrelaçam como dimensões formadoras da consciência e constituem a base de uma educação integral. Essa abordagem é reforçada pela Psicologia Integral de Ken Wilber (2001), que propõe um modelo que busca integrar as diversas dimensões do ser humano, incluindo a espiritual, em um único framework, e por autores como P. Scott Richards e Allen E. Bergin (1997), que defendem a integração de estratégias espirituais na psicoterapia.

Segundo Moll et al. (2017), a educação integral propõe o desenvolvimento pleno do ser humano em todas as suas dimensões: intelectual, emocional, corporal, social, ética e espiritual, reconhecendo o sujeito em sua totalidade e superando a fragmentação entre razão e sensibilidade. Educar integralmente, portanto, significa favorecer o autoconhecimento, o desenvolvimento de valores e a capacidade de atribuir sentido à própria existência, possibilitando que o aprendizado se torne também um processo de formação interior e de compromisso com o outro.

3 PANORAMA SOBRE A ESPIRITUALIDADE, ÉTICA E MORAL NA PSICOLOGIA

Na Logoterapia, Viktor Frankl (1989) postula a espiritualidade como a expressão da vontade de sentido e da autotranscendência, reconhecendo-a como força curativa e formadora do ser humano. A Psicologia Humanista e Transpessoal, representada por Abraham Maslow (1962; 1964), Carl Rogers (1961) e Stanislav Grof (1988), apresenta a espiritualidade como dimensão do amadurecimento psicológico, associada à autorrealização, à autenticidade e à plenitude da existência. A Psicologia Existencial Fenomenológica, inspirada em Rollo May (1975) e Irvin Yalom (1980), concebe a espiritualidade como uma experiência existencial que emerge do confronto com a liberdade, a finitude e o compromisso ético diante da vida. A Psicologia da Religião uma área específica para estudos da espiritualidade, surge com as contribuições de William James (1902), Gordon Allport (1950) e Ancona-Lopez (2002), que investigam o papel das crenças, símbolos e práticas religiosas e espirituais na constituição da subjetividade e da moral, mostrando como a fé e o sentido influenciam o comportamento ético e o equilíbrio psíquico. No pensamento de Freud (1927) e Jung (1978), ainda que por vias distintas, emergem diálogos com a religiosidade: o primeiro a interpreta como projeção das necessidades humanas de proteção, enquanto o segundo a reconhece como expressão simbólica da psique e caminho para a individuação.

Em outras abordagens, na Psicologia Cultural e Sistêmica, representada por Urie Bronfenbrenner (1979), Gregory Bateson (1972) e Mihaly Csikszentmihalyi (1990), a espiritualidade emerge como fenômeno ecológico e relacional, manifestado nas interações entre indivíduo, cultura e comunidade. Na Psicologia Positiva e as Neurociências da Espiritualidade, uma área específica de estudos sobre o tema, Kenneth Pargament (1997; 2007), Harold Koenig (2012), Martin Seligman (2011) e Lisa Miller (2021), revelam empiricamente que a vivência espiritual está associada à resiliência emocional, à empatia, à esperança e à saúde mental, fortalecendo a dimensão ética e o equilíbrio interior. A Psicologia Moral Contemporânea, com Jonathan Haidt (2012) e Darcia Narvaez (2014), demonstra que os julgamentos morais resultam da integração entre emoção e cognição, indicando que a moral é também expressão de empatia e consciência espiritual.

A Psicologia do Desenvolvimento, representada por Lawrence Kohlberg (1981), James Fowler (1992), Fritz Oser e Paul Gmünder (1991), mostra que a fé, os valores e a espiritualidade evoluem ao longo da vida, contribuindo para a formação de juízos éticos e o amadurecimento moral. Na Psicologia Histórico-Cultural, a partir de Lev Vygotsky (1998) e Alexei Leontiev (1978), a espiritualidade é associada à produção simbólica e relacional de significados, mediada pela linguagem, cultura e afetividade, visão aprofundada por autores contemporâneos como Brandenburg (1998), Estep Jr. (2002), Olivares Rosado et al. (2022) e Borges & Zambrano (2023). Por fim, a Psicologia da Libertação, de Ignacio Martín-Baró (1986; 1998; 2011), propõe a espiritualidade como ética e compromisso social, propondo uma psicologia voltada à libertação humana, à solidariedade e à transformação das estruturas de opressão.

Apesar das diferentes ênfases teóricas, essas perspectivas encontram um ponto em comum ao reconhecer que a espiritualidade é uma dimensão formadora da consciência, promotora de sentido, orientadora da ética e fundamento da moralidade. Essa convergência reforça o diálogo entre psicologia e educação, que podem compartilhar sobre a importância do desenvolvimento integral do ser humano. A psicologia, ao investigar os processos de autoconhecimento, moralidade e transcendência, oferece fundamentos científicos e humanistas para compreender a espiritualidade como experiência de sentido e equilíbrio psíquico. A educação integral, por sua vez, traduz essas compreensões em práticas pedagógicas, voltadas à humanização, à convivência ética e à emancipação. Assim, observa-se que, embora partam de referenciais distintos, as diversas correntes psicológicas se articulam ao compreender a espiritualidade como força integradora da vida humana, dimensão que une razão, emoção e transcendência, articulando conhecimento e valores na formação ética e moral. Essa convergência sustenta a concepção de educação integral como projeto formativo que integra saber e sentido, cognição e afetividade, liberdade e responsabilidade, promovendo o desenvolvimento pleno e humanizado do ser.

Se a Logoterapia de Frankl foca na busca individual de sentido como motor da existência, a Psicologia Humanista e Transpessoal expande essa visão ao postular a autotranscendência como um estágio de amadurecimento psicológico mais amplo. Elaborada por Viktor Frankl, a Logoterapia é definida como um sistema teórico-prático no que tange especialmente a busca do sentido da vida. Para Frankl (1989), existe no ser humano uma autotranscendência, e isso, faz o ser humano procurar e ter vontade de sentido da vida. Porém, de acordo com o autor, atualmente, na sociedade, essa vontade de sentido está falha. Cada vez mais as pessoas voltam-se a nós, psiquiatras, queixando-se de sentimentos de falta de sentido e de vazio, de uma sensação de futilidade e de absurdo. São vítimas da neurose de massa hoje (Frankl, 1989, p. 82). Frankl, também aponta que esse vazio de sentido é devido ao fato

da ausência do valor da autotranscendência na sociedade, causando assim, neuroses e sofrimentos, sendo responsabilidade dos profissionais da saúde mental, os psicoterapeutas, e psiquiatras ajudarem as pessoas a se curarem, por meio de uma relação entre a dimensão somática: fenômenos corporais e da fisiologia, dimensão psicológica: instintos, condicionamentos e cognições, dimensão da ética, que deriva do grego *nous*, e significa espírito (Frankl, 1989).

Sob a perspectiva da educação integral, essa visão tem valor formativo. Quando as práticas pedagógicas reconhecem que o ser humano é movido pelo sentido. Educar, nessa perspectiva, é ajudar o sujeito a encontrar significação para suas experiências, a transformar o sofrimento em aprendizado e a se reconhecer como responsável e livre. A Logoterapia de Frankl inspira, portanto, uma pedagogia do sentido: uma educação que acolhe a dimensão espiritual do ser humano, ajudando-o a integrar corpo, mente e espírito. Nessa abordagem, o conhecimento não é um fim em si mesmo, mas um meio de promover a dignidade, o autoconhecimento e a transcendência. A educação integral, ao incorporar a espiritualidade frankliana, torna-se um espaço de humanização onde aprender é também descobrir o propósito de existir e agir com responsabilidade diante da vida e do outro.

A Psicologia Humanista e Transpessoal, representada por Abraham Maslow (1962, 1964), Carl Rogers (1961) e Stanislav Grof (1988), se consolidou como a “terceira força” da psicologia moderna ao propor uma visão do ser humano centrada em sua autorrealização, liberdade e potencial de transcendência. Maslow (1954; 1962) introduziu a noção de autotranscendência, estágio que ultrapassa o ego e conduz o indivíduo à busca de sentido, altruísmo e integração com algo maior. Rogers (1961), por sua vez, destacou a tendência atualizante, impulso inato ao crescimento e à autenticidade que floresce em contextos de empatia, aceitação e congruência.

Complementarmente, Grof (1998) ampliou essas ideias ao reconhecer que o desenvolvimento psicológico pode incluir estados transpessoais de consciência, nos quais o sujeito transcende sua identidade individual, favorecendo experiências de unidade, responsabilidade e cuidado com a vida. Nessa perspectiva, a espiritualidade emerge e pode ser entendida como uma dimensão do amadurecimento psicológico, expressa na capacidade de empatia, abertura e integração interior. A autorrealização e o autoconhecimento são compreendidos como formas de espiritualidade vivida, nas quais o crescimento pessoal se articula à ética e à moralidade como expressão da plenitude humana. Essa visão, ao enfatizar o florescimento das potencialidades e o compromisso ético com o outro, aproxima-se da proposta da educação integral, que busca formar sujeitos conscientes de si, do outro e do mundo.

Enquanto a Psicologia Humanista e Transpessoal foca no potencial de autorrealização, a psicologia existencial fenomenológica aprofunda a análise das condições fundamentais da existência.

Nela, a espiritualidade emerge como uma dimensão central da experiência humana, intimamente vinculada à consciência da liberdade, da responsabilidade e da finitude como defendem May (1975) e Yalom (1980). Neste enquadramento, o sentido da vida não é dado automaticamente, mas se constrói a partir do confronto com as “dadas” (givens) da existência, morte, liberdade, isolamento e falta de sentido. Para May (1975; 1989), questões como a angústia, o sentido, a vontade e o valor da vida são elementos estruturantes do ser humano, e a espiritualidade pode ser compreendida como o movimento interior que emerge quando o indivíduo toma consciência desses dilemas existenciais e escolhe agir autenticamente.

3.1 ÉTICA E MATURIDADE NA PERSPECTIVA EXISTENCIAL

A ética e a moral, nessa perspectiva, deixam de ser regras externas para se tornarem expressões da coerência interior daquilo que o sujeito escolhe com base no valor que atribui à própria vida e à vida dos outros. Desse modo, o desenvolvimento espiritual não se limita a aquisição de crenças ou a explicitação de dogmas, mas traduz-se em um movimento de amadurecimento existencial: o sujeito percebe-se livre, reconhece sua responsabilidade, enfrenta a finitude da vida e assume uma postura ética diante do outro e do mundo. Esse processo de interiorização e escolha consciente do próprio modo de ser no mundo articula-se às propostas de educação que visam à formação humana integral, nas quais o aprender não se reduz à técnica ou ao conteúdo, mas à construção de significado, ao cultivo de valores e à formação da consciência.

Partindo das angústias existenciais, a Psicologia da Religião oferece um campo específico para investigar como os sistemas de crenças e práticas espirituais se manifestam no comportamento humano. Este campo constitui uma área consolidada de estudo sobre a relação entre comportamento, crenças e experiências religiosas e espirituais. Conforme Ancona-Lopez (2002), essa área investiga de que modo a vivência religiosa e espiritual influencia atitudes, valores, personalidade e saúde mental, compreendendo a religiosidade como fenômeno psicológico, simbólico e social. Os primeiros estudos sistemáticos datam do início do século XX, com William James (1902), que analisou as experiências religiosas e espirituais como vivências interiores de sentido e transformação pessoal. Posteriormente, Gordon Allport (1950) distinguiu as dimensões intrínseca e extrínseca da religiosidade, mostrando que a fé pode tanto promover maturidade moral quanto servir a interesses sociais superficiais. Dessa forma, a Psicologia da Religião amplia a compreensão da espiritualidade como dimensão constitutiva da subjetividade e do desenvolvimento humano, oferecendo subsídios para refletir sobre a formação ética e a educação integral, ao reconhecer que a busca de sentido e o cultivo de valores são parte essencial da experiência humana.

A visão da contribuição positiva da religião é contrária à de Sigmund Freud. Em *O Futuro de uma Ilusão*, Freud descreve que a religião causava sintomas neuróticos e sintomas psicóticos, não sendo, portanto, saudável como podemos ver em Krindges (2016). A crítica à religião não está pautada em discussões acerca da existência ou não de Deus; também não desqualifica a importância do fenômeno religioso (aquilo que é do Espírito), mas atenta-se ao valor psicológico das ideias religiosas, que, no contexto de Freud, estavam associadas às angústias humanas e necessidades de proteção. O neurótico e o crente (aquele que crê) necessitam ser salvos, são aspectos pertinentes de quem precisa sentir proteção. Outra associação é que o neurótico se salva com os rituais obsessivos de repetição, o que frequentemente se encontra em práticas religiosas. Para evitar isso, é necessário buscar o sentido da vida no que diz respeito à responsabilidade do próprio sujeito por sua vida e pelo sentido que lhe dá, não simplesmente por meios religiosos. O que terá um desdobramento ético e moral, quando o sujeito assume e adota a partir da consciência como afirmou Krindges (2016).

Para Gomes e Famelli (2009), dentro de uma visão junguiana, inúmeras neuroses estão principalmente ligadas ao fato de as necessidades religiosas da alma não serem mais levadas a sério pela psicologia. Carl Gustav Jung (1875-1961) trata a religião como um fator psicológico analítico. É importante apontar que Jung era filho de um pastor, por isso, despertou para as manifestações religiosas e simbólicas e como elas se representavam na mente humana. Nesse contexto, Jung considerava que a religião estava associada a uma força equivalente a um instinto, um fenômeno genuíno no processo de individuação do sujeito (Jung, 1978).

Sobre isso, entende-se o fenômeno como algo inerente à natureza humana trata-se da espiritualidade, que se expressa em símbolos, como por exemplo a religião. Ciente da importância simbólica, Jung (1978) destaca que o ser humano desenvolve uma atitude religiosa, independente do credo, pois isso permite o autoconhecimento. Ainda, entende-se que o *self* pode ser associado à ideia da espiritualidade, pois, em Jung (1978), trata-se de algo existencial e pertencente à personalidade, à alma e ao espírito humano. O ego, por sua vez, se forma ao longo do desenvolvimento humano, especialmente nas relações sociais. O que remete à construção dos credos e dogmas religiosos, que ocorre na socialização cultural religiosa ou na comunidade religiosa. Assim é possível entender que em Jung existe uma conexão entre a espiritualidade e a religiosidade com o crescimento e a individualidade da pessoa.

As perspectivas freudiana e junguiana, ainda que opostas em muitos aspectos, convergem em um ponto essencial: ambas reconhecem que a dimensão espiritual seja entendida como crença, simbolismo ou busca de sentido exerce influência sobre o equilíbrio psíquico e o desenvolvimento humano, ora pela via do conflito, ora pela via da integração. Enquanto Freud alerta para os riscos da

alienação e da repetição inconsciente de padrões religiosos, em Jung é possível elaborar uma educação voltada à integração da psique, em que o self seja reconhecido e cultivado. A educação integral, inspirada por essas perspectivas, propõe uma pedagogia que reconhece a interioridade como espaço de formação: um lugar em que o conhecimento racional encontra o simbólico, o emocional e o espiritual. Nesse sentido, a espiritualidade torna-se fundamento para o desenvolvimento ético e moral, conduzindo o sujeito a uma consciência ampliada de si, do outro e da vida.

As abordagens contemporâneas da Psicologia Cultural e Sistêmica, representadas por Urie Bronfenbrenner (1979), Gregory Bateson (1972) e Mihaly Csikszentmihalyi (1990), compreendem o desenvolvimento humano como processo interdependente entre o indivíduo, o ambiente e a cultura. Nessa perspectiva, a espiritualidade emerge como fenômeno ecológico e relacional, manifestando-se nas interações e nos sistemas que estruturam a vida social.

Bronfenbrenner (1979), ao propor a Teoria Ecológica do Desenvolvimento Humano, destacou que o crescimento pessoal é resultado da interação dinâmica entre diferentes contextos, família, escola, comunidade e cultura, o que permite compreender a espiritualidade como experiência mediada por vínculos e pertencimento. Bateson (1972), ao introduzir o conceito de ecologia da mente, reforçou a ideia de que mente e ambiente constituem um sistema integrado, no qual os processos simbólicos e comunicativos são essenciais para o equilíbrio e a aprendizagem. Csikszentmihalyi (1990), em seus estudos sobre o estado de fluxo, enfatizou que a realização humana e o sentido de transcendência surgem quando o indivíduo encontra harmonia entre atenção, propósito e envolvimento criativo com o mundo.

Assim, a Psicologia Cultural e Sistêmica amplia a compreensão da espiritualidade e da moral, situando-as como construções coletivas e contextuais, moldadas pelas relações, práticas e valores partilhados. Essa leitura evidencia que o desenvolvimento ético e espiritual emerge na convivência e na cooperação, sustentando os princípios da educação integral, que valoriza o diálogo, a empatia e o sentimento de pertença como fundamentos para a formação humana e social.

A Psicologia Positiva e as Neurociências da Espiritualidade têm se destacado por oferecer bases empíricas ao estudo das relações entre espiritualidade, bem-estar e saúde mental. Pesquisadores como Kenneth Pargament (1997; 2007), Harold Koenig (2012), Martin Seligman (2011) e Lisa Miller (2021) demonstram, por meio de estudos longitudinais e análises neuropsicológicas, que a vivência espiritual está associada à resiliência emocional, ao fortalecimento de vínculos e à construção de propósito de vida. Pargament (1997) foi um dos primeiros a propor modelos teóricos que explicam como as práticas espirituais e religiosas auxiliam na regulação do estresse e no enfrentamento de adversidades, enquanto Koenig (2012) evidenciou, em revisões sistemáticas, que a espiritualidade está

positivamente correlacionada com indicadores de saúde mental, qualidade de vida e comportamento ético. Seligman (2011), ao desenvolver a Psicologia Positiva, incluiu a espiritualidade entre os componentes do florescimento humano, destacando virtudes como esperança e compaixão. A gratidão, em particular, foi extensamente pesquisada por Robert Emmons (2013), que a posiciona como um elemento central para o bem-estar e a espiritualidade, fortalecendo valores e o engajamento ético.

Já a obra de Lisa Miller (2021), especialmente em "The Awakened Brain", aprofunda a compreensão neurocientífica da espiritualidade. Seus estudos, utilizando ressonância magnética funcional (fMRI), demonstram que a espiritualidade não é apenas um construto psicológico, mas possui correlatos neurais distintos. Indivíduos com uma vida espiritual ativa exibem um aumento da espessura cortical em regiões do cérebro associadas à percepção sensorial e à autorreflexão, sugerindo que a espiritualidade pode fortalecer as redes neurais relacionadas à consciência e à percepção. Miller argumenta que o cérebro humano é inatamente preparado para a espiritualidade, e que nutrir essa capacidade pode levar a uma maior resiliência, bem-estar e proteção contra a depressão.

Essas abordagens, ao integrar ciência e espiritualidade, reforçam que os princípios morais e éticos não se limitam ao cumprimento de normas, mas expressam uma consciência espiritual em ação, orientada para o cuidado de si e do outro. Essa compreensão oferece subsídios importantes à educação integral, que, ao valorizar o autoconhecimento, a empatia e o cultivo de valores, contribui para a formação de sujeitos emocionalmente equilibrados, socialmente responsáveis e espiritualmente conscientes.

3.2 BIOLOGIA, COGNIÇÃO E ESPIRITUALIDADE

Na Psicologia e Neurociência, o geneticista Dean Hamer (*A Herança Divina – Como os genes podem influenciar a fé*, 2005) propõe que predisposições para experiências espirituais podem ter bases biológicas. Hamer identifica o gene VMAT2 como possivelmente relacionado à autotranscendência, fenômeno que se manifesta na tendência do indivíduo de transcender interesses pessoais e buscar conexão com algo maior. Embora essa hipótese ainda esteja em investigação, ela sugere que experiências espirituais podem apresentar componentes universais ligados à biologia humana, reforçando a noção de que a espiritualidade é uma característica recorrente em diferentes culturas.

Complementando essa perspectiva, o antropólogo cognitivo Pascal Boyer (*Religion Explained: The Evolutionary Origins of Religious Thought*, 2001) aborda a religião como um subproduto da evolução cognitiva humana. Para Boyer (2001), a mente possui módulos cognitivos especializados que interpretam fenômenos naturais e sociais atribuindo-lhes agência, muitas vezes sobrenatural. Esse mecanismo, denominado detecção de agência, explica por que crenças religiosas

são ao mesmo tempo familiares e contraintuitivas, facilitando sua memorização e disseminação. Segundo este autor, a religiosidade surge como uma adaptação evolutiva, auxiliando na cooperação social e na compreensão de eventos complexos, enquanto a espiritualidade se relaciona à experiência subjetiva de sentido e transcendência.

Do ponto de vista neurocientífico, estudos de imagem cerebral demonstram que práticas espirituais e experiências religiosas envolvem regiões como o córtex pré-frontal, o estriado ventral e estruturas límbicas, áreas ligadas à tomada de decisão, regulação emocional e percepção de recompensa. Esses dados indicam que a espiritualidade e a religiosidade são processadas em circuitos cerebrais integrados, que combinam avaliação cognitiva, motivação e experiência subjetiva. Dessa forma, essas dimensões não podem ser compreendidas apenas como fenômenos culturais, mas como experiências bio-psico-sociais interdependentes.

Essas perspectivas indicam que a espiritualidade é uma dimensão intrínseca à condição humana, presente tanto nos processos biológicos quanto nas experiências simbólicas e culturais. Ao reconhecer essa integração, a educação integral amplia seu horizonte formativo: ela deixa de tratar a espiritualidade como crença ou valor subjetivo e passa a compreendê-la como uma necessidade ontológica e cognitiva, ligada ao desenvolvimento da consciência, da empatia e da autorregulação emocional. Dessa forma, a educação integral encontra respaldo nessas descobertas contemporâneas ao compreender que a espiritualidade é uma dimensão formadora da consciência e do aprender. Educar espiritualmente é, portanto, favorecer o desenvolvimento pleno do humano, um ser que pensa, sente, age e se reconhece como parte de um todo maior.

3.3 PSICOLOGIA MORAL CONTEMPORÂNEA

A Psicologia Moral Contemporânea, representada por autores como Jonathan Haidt (2012) e Darcia Narvaez (2014), tem ampliado o entendimento sobre os processos psicológicos que sustentam a moral, mostrando que os julgamentos morais envolvem tanto componentes cognitivos quanto emocionais. Haidt, em suas pesquisas sobre as bases intuitivas da moral, argumenta que as decisões éticas são guiadas principalmente por emoções morais automáticas, como compaixão, indignação e gratidão, que antecedem a reflexão racional. Esse modelo, conhecido como teoria da intuição social, evidencia que a moralidade emerge das interações humanas e das influências culturais e espirituais que moldam os valores de cada sociedade.

De modo complementar, Narvaez (2014), destaca que a formação moral está profundamente ligada ao desenvolvimento emocional e neurobiológico, sendo resultado das experiências afetivas vividas desde a infância. A autora propõe que a empatia, o cuidado e a autorregulação emocional são

fundamentais para a construção da consciência moral e ética, reforçando a importância do ambiente social e educativo no cultivo dessas capacidades. Essas contribuições apontam que ética e moral não se reduzem ao raciocínio lógico ou ao cumprimento de normas, mas constituem expressões de uma consciência espiritual e relacional que se desenvolve na convivência. Nesse sentido, a Psicologia Moral Contemporânea oferece importantes fundamentos para uma educação integral voltada à formação de sujeitos empáticos, autônomos e eticamente responsáveis, capazes de agir com sensibilidade e discernimento em contextos sociais diversos.

Na psicologia do Desenvolvimento, Lawrence Kohlberg (1981), ampliando os estudos de Jean Piaget sobre desenvolvimento cognitivo, propôs uma teoria do desenvolvimento moral em estágios, que descreve como indivíduos evoluem na compreensão de justiça, direitos e deveres. Para Kohlberg, a moral se constrói progressivamente, e a religião pode atuar como contexto simbólico e referencial para que o sujeito interprete normas, valores e dilemas éticos. Ele observou que a fé e as crenças religiosas frequentemente fornecem estruturas cognitivas que orientam decisões morais, integrando dimensões normativas e cognitivas do desenvolvimento.

Complementando essa abordagem, James Fowler (1992) desenvolveu a Teoria dos Estágios da Fé, que descreve como a compreensão religiosa e espiritual evolui ao longo da vida, acompanhando o amadurecimento cognitivo, afetivo e social do indivíduo. Fowler identifica estágios que vão desde a fé intuitiva e projetiva na infância, passando pela fé literal-concreta na adolescência, até formas mais simbólicas, refletivas e universalizantes na idade adulta. Segundo Fowler, a fé entendida como estrutura psicológica de orientação e significado se desenvolve em interação com experiências sociais e culturais, e não apenas por transmissão religiosa, indicando que a religiosidade integra dimensões cognitivas e existenciais do desenvolvimento humano. Investigações subsequentes realizadas por Fritz Oser e Paul Gmünder (1991) aprofundaram a relação entre desenvolvimento moral e religiosidade, explorando como valores éticos se articulam com crenças espirituais e culturais. Esses estudos mostraram que a moral não se constrói de forma isolada do contexto religioso ou espiritual, mas que a interação entre normas, valores culturais e fé contribui para a formação de julgamentos éticos mais complexos.

As teorias de Kohlberg, Fowler, Oser e Gmünder demonstram que a espiritualidade, é uma dimensão formadora da consciência moral, pois orienta o sujeito na construção de significados, na empatia e na responsabilidade por suas ações. A educação integral, à luz desses autores, tem como tarefa favorecer o percurso que envolve autonomia, reflexão e interiorização de valores. Ao reconhecer que a moralidade se desenvolve em diálogo com a espiritualidade e com as experiências de fé, a educação assume o compromisso de formar sujeitos capazes de compreender o outro, conviver com a

diferença e agir de forma ética em contextos plurais. Educar integralmente é, portanto, acompanhar o ser humano em seu crescimento moral e espiritual, ajudando-o a desenvolver o pensamento crítico, a consciência compassiva e o compromisso ético com a vida em comunidade.

Na Psicologia Histórico-Cultural, embora Vygotsky (1896–1934) não tenha se dedicado especificamente à religião, sua obra evidencia engajamento com temas culturais e simbólicos relacionados à espiritualidade. Pesquisas como as de Brandenburg (1998) e Estep (2002) mostram que, os conceitos vygotkianos permitem analisar a construção do sentido religioso como mediadora social e culturalmente, evidenciando que a espiritualidade pode ser formada tanto a partir da experiência concreta do sujeito quanto de doutrinas institucionalizadas, sempre considerando a mediação simbólica e o contexto social. A internalização dessas experiências segue princípios semelhantes à aquisição da linguagem e à formação de funções mentais superiores, permitindo que a criança desenvolva sentido pessoal e subjetivo. Os estudos de Olivares Rosado et al. (2022), Borges e Zambrano (2023) destacam que a espiritualidade deve ser considerada como dimensão simbólica, afetiva e relacional do desenvolvimento, mediada pela cultura, linguagem e vínculos sociais. Sua inclusão na educação contribui para a formação integral do sujeito, permitindo aos alunos conectar experiências, emoções e valores, em consonância com uma educação laica, plural e democrática.

No contexto da educação integral, ao reconhecer que a formação do sentido espiritual ocorre nas interações sociais e nas vivências afetivas, o educador é chamado a promover ambientes pedagógicos que estimulem a curiosidade, a escuta, a empatia e a imaginação. Nessa perspectiva, o aprendizado se torna também um ato de transcendência, em que a pessoa reconstrói o mundo e a si mesmo por meio da linguagem e da experiência simbólica. Valorizar o simbólico, o emocional e o relacional significa reconhecer que aprender é adquirir conhecimento e atribuir sentido à existência e à convivência. A espiritualidade, nesse horizonte, se manifesta como um processo de humanização contínua, um caminho de diálogo entre cultura, consciência e alteridade, que faz da educação um espaço de plenitude e significado.

Ignacio Martín-Baró, psicólogo social, filósofo e sacerdote jesuíta, é um dos principais expoentes do pensamento latino-americano comprometido com a libertação e a justiça social. Sua obra constitui um marco na consolidação da Psicologia da Libertação, corrente que propõe uma leitura ética, espiritual e comunitária do ser humano em seu contexto histórico e social (Martín-Baró, 1986; 1998). Em suas reflexões, Martín-Baró articula fé e compromisso político, inspirando-se na Teologia da Libertação e em autores como Marx e Paulo Freire. Ele compreende que a libertação humana é um processo integral, que envolve tanto a transformação das estruturas sociais quanto a superação da

alienação subjetiva. Essa dimensão espiritual é, portanto, inseparável da ética, da esperança e da responsabilidade social.

Ao trazer essa perspectiva para o campo educacional, a espiritualidade assume um caráter formativo, orientando a educação como um processo de humanização e de engajamento ético com a vida coletiva. A educação integral, sob essa ótica, não se reduz à acumulação de conteúdos ou habilidades técnicas, mas envolve o cultivo da consciência, da empatia e do compromisso com o bem comum. Martín-Baró entende que o conhecimento deve emergir do diálogo e da prática social, se constituindo como um ato de libertação e transcendência. Sua proposta de uma psicologia e educação voltadas para a libertação destaca que a verdadeira formação humana ocorre quando o sujeito é capaz de unir razão e afeto, crítica e solidariedade, fé e ação transformadora. Essa visão é ampliada por teólogos como Miroslav Volf (2011), que, em um diálogo com o pluralismo contemporâneo, argumenta que a fé pode servir como um recurso para a reconciliação e a justiça social, em vez de uma fonte de conflito, reforçando a conexão entre espiritualidade e o bem comum.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação partiu da questão: como a espiritualidade, a moral e a ética, compreendidas em suas inter-relações psicológicas, podem contribuir para uma concepção de educação integral que promova o desenvolvimento pleno e humanizado do sujeito? A análise realizada permitiu reconhecer que a espiritualidade, a ética e a moral ocupam lugar central nas diferentes correntes da psicologia e constituem fundamentos indispensáveis para a formação humana e para a educação integral.

Embora cada abordagem psicológica possua pressupostos epistemológicos próprios, a análise evidenciou convergências significativas. A Logoterapia de Frankl, a Psicologia Humanista e Transpessoal, a Psicologia Existencial Fenomenológica, a Psicologia da Religião, as perspectivas psicanalíticas de Freud e Jung, a Psicologia Cultural e Sistêmica, a Psicologia Positiva e as Neurociências da Espiritualidade, a Psicologia Moral Contemporânea, a Psicologia do Desenvolvimento, a Psicologia Histórico-Cultural e a Psicologia da Libertação convergem ao reconhecer a espiritualidade como dimensão formadora da consciência, promotora de sentido e orientadora do agir moral. Essa convergência, identificada a partir de tradições teóricas distintas, reforça a legitimidade científica e humanista da espiritualidade como objeto de estudo psicológico e como fundamento pedagógico.

Constata-se que a espiritualidade transcende o campo religioso e assume caráter psicológico, ético e pedagógico. Ela está intrinsecamente relacionada com a construção do sentido, o

autoconhecimento e a capacidade de agir moralmente diante do outro e do mundo. Assim, a espiritualidade se revela também como um processo educativo, no qual o sujeito aprende a se reconhecer como parte de uma totalidade, a cultivar empatia, a buscar coerência entre pensamento e ação e a exercer a liberdade com responsabilidade. As contribuições contemporâneas de autores como Ken Wilber, P. Scott Richards e Allen E. Bergin, Robert Emmons, Lisa Miller, Jeff Levin e Miroslav Volf, incorporadas neste estudo, reforçam a atualidade e a relevância dessa discussão, evidenciando que a integração entre espiritualidade, saúde mental e formação humana é um campo em expansão nas ciências psicológicas e educacionais.

A partir dessa compreensão, a educação integral surge como espaço privilegiado para o desenvolvimento dessas dimensões humanas. Educar integralmente significa reconhecer que o saber não se restringe à transmissão de conteúdos, mas envolve a construção de sentido, o cultivo da sensibilidade, o exercício da ética e a vivência da espiritualidade como prática de humanização. Nesse horizonte, a espiritualidade deixa de ser um aspecto periférico e se torna princípio formador: um eixo que unifica razão, emoção e transcendência na busca pela plenitude humana. A psicologia, ao revelar os processos de autotranscendência, empatia e autorregulação, oferece fundamentos científicos e humanistas à educação; esta, por sua vez, traduz tais fundamentos em práticas pedagógicas que promovem a convivência ética, o respeito à diversidade e a emancipação dos sujeitos.

No entanto, se reconhecem limitações importantes neste estudo. Primeira, a amplitude do tema e a multiplicidade de referenciais possíveis exigiram um recorte que, embora fundamentado, não esgota a diversidade de abordagens psicológicas e educacionais sobre espiritualidade, ética e moral. Segunda, a seleção de autores e correntes, ainda que representativa, não contempla todas as contribuições relevantes, especialmente de tradições não ocidentais e de perspectivas críticas emergentes. Terceira, o caráter teórico-reflexivo do estudo, embora necessário para a construção de um panorama conceitual, limita a discussão sobre as implicações práticas e os desafios concretos da implementação da espiritualidade na educação integral, especialmente em contextos laicos e plurais.

Diante dessas limitações, podemos apontar possibilidades de aprofundamento para pesquisas futuras. Primeira, a realização de estudos empíricos que investiguem como educadores e psicólogos compreendem e integram a espiritualidade em suas práticas, identificando desafios, estratégias e resultados. Outra possibilidade de aprofundamento seria a análise de experiências concretas de educação integral que incorporam a dimensão espiritual, avaliando seus impactos no desenvolvimento cognitivo, emocional, social e ético dos estudantes. Por fim, estudos futuros poderiam focar na discussão sobre os limites éticos e políticos da inclusão da espiritualidade na educação pública, considerando a laicidade do Estado, o pluralismo religioso e os direitos das famílias e estudantes.

Conclui-se, portanto, que espiritualidade e educação integral se entrelaçam como dimensões complementares de um mesmo projeto: formar seres humanos conscientes, solidários e capazes de integrar conhecimento e sabedoria, técnica e sensibilidade, liberdade e compromisso ético. Integrar espiritualidade à educação é reconhecer que a formação do ser não se esgota no saber, mas se realiza no encontro entre o humano e o sentido da vida. Este estudo, ao mapear as contribuições da psicologia para essa discussão, busca contribuir para o fortalecimento do diálogo entre ciência e humanização, entre razão e transcendência, entre educação e plenitude humana.

REFERÊNCIAS

- ALLPORT, Gordon W. **The Individual and His Religion: A Psychological Interpretation**. New York: Macmillan, 1950.
- ANCONA-LOPEZ, Maria Júlia. **Psicologia da Religião: Textos Básicos**. São Paulo: Paulinas, 2002.
- BATESON, Gregory. **Steps to an Ecology of Mind: Collected Essays in Anthropology, Psychiatry, Evolution, and Epistemology**. Chicago: University of Chicago Press, 1972.
- BORGES, J. L.; ZAMBRANO, R. C. Espiritualidad, cultura y desarrollo humano: perspectivas emergentes en la educación contemporánea. **Revista de Psicología y Educación**, v. 18, n. 2, p. 87–104, 2023.
- BOSS, Medard. **Existential Foundations of Medicine and Psychology**. New York: Jason Aronson, 1979.
- BOYER, Pascal. **Religion Explained: The Evolutionary Origins of Religious Thought**. New York: Basic Books, 2001.
- BRANDENBURG, D. C. **Religion and the Development of Higher Mental Functions: A Vygotskian Analysis**. *Journal of Psychology and Theology*, Wheaton, v. 26, n. 3, p. 232–243, 1998.
- BRONFENBRENNER, Urie. **The Ecology of Human Development: Experiments by Nature and Design**. Cambridge: Harvard University Press, 1979.
- CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. **Flow: The Psychology of Optimal Experience**. New York: Harper & Row, 1990.
- DUTRA, Thiago; MOLL, Jaqueline. Educação Integral e espiritualidade: os benefícios dessa relação para uma formação integral do ser humano. **Revista Prática Docente**, [s. l.], v. 2, n. 1, p. 97–111, 2017. DOI: 10.23926/rpd.v2i1.48. Disponível em: <https://periodicos.cfs.ifmt.edu.br/periodicos/index.php/rpd/article/view/647>. Acesso em: 2 out. 2025.
- EMMONS, Robert A. **Gratitude works!: A 21-day program for creating emotional prosperity**. John Wiley & Sons, 2013.
- ESTEP JR., James R. **Spiritual formation as social: Toward a Vygotskian developmental perspective**. *Religious Education*, v. 97, n. 2, p. 141–164, 2002.
- FOWLER, James W. **Stages of Faith: The Psychology of Human Development and the Quest for Meaning**. San Francisco: Harper & Row, 1992.
- FRANKL, Viktor Emil. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. Petrópolis: Vozes, 1989.
- FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. Rio de Janeiro: Imago, 1997 [1927].

GERONE, Lucas Guilherme Tetzlaff de. **Percepções docentes sobre espiritualidade, moralidade e educação: uma abordagem interdisciplinar a partir de Kohlberg e Weber.** 2025. 322 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2025.

GERONE, Lucas Guilherme Tetzlaff de. **Um olhar sobre a religiosidade/espiritualidade na prática do cuidado entre profissionais de saúde e pastoralistas.** 2015. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Escola de Educação e Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2015. Disponível em: http://www.biblioteca.pucpr.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3116. Acesso em: 21 abr. 2025.

GOMES, Vinícius Romagnolli Rodrigues; FAMELLI, Jhainieiry Cordeiro. A religião na obra de Jung: contribuições para a compreensão do homem moderno. In: **Encontro Internacional de Produção Científica Cesumar**, 6., 2009, Maringá. Anais [...]. Maringá: Cesumar, 2009. Disponível em: https://rdu.unicesumar.edu.br/bitstream/123456789/6267/1/Vinicius_Romagnolli_Rodrigues_Gomes.pdf. Acesso em: 21 abr. 2025.

GROF, Stanislav. **The Adventure of Self-Discovery: Dimensions of Consciousness and New Perspectives in Psychotherapy and Inner Exploration.** Albany: State University of New York Press, 1988.

HAIDT, Jonathan. **The Righteous Mind: Why Good People Are Divided by Politics and Religion.** New York: Pantheon Books, 2012.

HAMER, Dean. **A Herança Divina: como os genes podem influenciar a fé.** Rio de Janeiro: Record, 2005.

JAMES, William. **The Varieties of Religious Experience: A Study in Human Nature.** New York: Longmans, Green and Co., 1902.

JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique.** Petrópolis: Vozes, 1978.

KOENIG, Harold G.; McCULLOUGH, Michael E.; LARSON, David B. **Handbook of Religion and Health.** 2. ed. New York: Oxford University Press, 2012.

KOHLBERG, Lawrence. **Essays on Moral Development: The Philosophy of Moral Development.** San Francisco: Harper & Row, 1981.

KRINDGES, S. **Moral e religião em Freud.** 2016. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2016.

LEONTIEV, Alexei Nikolaevich. **Activity, Consciousness and Personality.** Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1978.

LEVIN, Jeff. Toward a translational epidemiology of religion. **Annals of Epidemiology**, v. 72, p. 1-4, 2022.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. **Acción e ideología: psicología social desde Centroamérica**. San Salvador: UCA Editores, 1986.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. **Psicología de la liberación**. Madrid: Trotta, 1998.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. Para uma psicologia da libertação. In: GUZZO, R. S. L.; LACERDA JR., F. (orgs.). **Psicologia social para a América Latina: o resgate da Psicologia da Libertação**. 2. ed. Porto Alegre: Alinea, 2011.

MASLOW, Abraham Harold. **Toward a Psychology of Being**. 2. ed. Princeton: D. Van Nostrand, 1962.

MASLOW, Abraham Harold. **Religions, Values, and Peak Experiences**. Columbus: Ohio State University Press, 1964.

MAY, Rollo. **The Courage to Create**. New York: W. W. Norton & Company, 1975.

MAY, Rollo. **The Discovery of Being: Writings in Existential Psychology**. New York: W. W. Norton & Company, 1983.

MILLER, Lisa. **The Awakened Brain: The New Science of Spirituality and Our Quest for an Inspired Life**. New York: Random House, 2021.

MOLL, Jaqueline et al. **Educação Integral: Textos para Discussão**. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2017.

NARVAEZ, Darcia. **Neurobiology and the Development of Human Morality: Evolution, Culture, and Wisdom**. New York: W. W. Norton & Company, 2014.

OLIVARES ROSADO, S. et al. La espiritualidad y la educación: una revisión teórica desde el enfoque histórico-cultural. **Revista Electrónica Educare**, v. 26, n. 1, p. 1–20, 2022. DOI: 10.15359/ree.26-1.20.

OSER, Fritz; GMÜNDER, Paul. **Religious Judgment: A Developmental View**. Freiburg: Lahn Verlag, 1991.

PALOUTZIAN, Raymond F.; PARK, Crystal L. (orgs.). **Handbook of the Psychology of Religion and Spirituality**. 2. ed. New York: Guilford Press, 2013.

PARGAMENT, Kenneth I. **The Psychology of Religion and Coping: Theory, Research, Practice**. New York: Guilford Press, 1997.

PARGAMENT, Kenneth I. **Spiritually Integrated Psychotherapy: Understanding and Addressing the Sacred**. New York: Guilford Press, 2007.

RICHARDS, P. Scott; BERGIN, Allen E. **A spiritual strategy for counseling and psychotherapy**. Washington, DC: American Psychological Association, 1997.

ROGERS, Carl Ransom. **On Becoming a Person: A Therapist's View of Psychotherapy**. Boston: Houghton Mifflin, 1961.

SELIGMAN, Martin E. P. **Flourish: A Visionary New Understanding of Happiness and Well-Being**. New York: Free Press, 2011.

VOLF, Miroslav. **A public faith: How followers of Christ should serve the common good**. Brazos Press, 2011.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WILBER, Ken. **A theory of everything: An integral vision for business, politics, science, and spirituality**. Boston: Shambhala Publications, 2001.

YALOM, Irvin D. **Existential Psychotherapy**. New York: Basic Books, 1980.